



Recebido em: 21/08/2023

Aprovado em: 10/11/2023

Publicado em: 29/12/2023

QUILOMBO COMO COSMOTÉCNICA: tecnodiversidade e contracolonialidade em Yuk Hui e Nêgo Bispo

QUILOMBO AS COSMOTECHNICS: technodiversity and countercoloniality in Yuk Hui and Nêgo Bispo

QUILOMBO KIEL KOSMOTEKNIKO: teknodiverseco kaj kontraŭkolonieco en Yuk Hui kaj Nêgo Bispo

Ícaro Araújo Teixeira Honório¹⁰

Resumo

O presente trabalho responde como é possível pensar, a partir das contribuições de Yuk Hui e Antônio Bispo dos Santos, Nêgo Bispo, as relações entre cosmologia e cosmotécnica nas comunidades quilombolas. Para tanto, o excuro conceitual é realizado em três momentos. Primeiramente, são analisados os conceitos de tecnodiversidade e localidade com o objetivo de expor a importância de se repensar o caráter dito universal da técnica. Em um segundo momento, são desenvolvidos os conceitos de confluência e biointeração, tais como apresentados por Nêgo Bispo, com o objetivo de mapear de que modo são compreendidas as relações entre humanos, não-humanos e ambiente nas cosmologias quilombolas. Por fim, são discutidas, a partir dos aportes conceituais elaborados por Nêgo Bispo, a arquitetura e a agricultura quilombolas desde um ponto de vista cosmotécnico. Para o desenvolvimento do trabalho, é utilizada como metodologia de pesquisa a análise conceitual por meio de revisão bibliográfica. O estudo é concluído, desse modo, no sentido de instigar desobediências epistêmicas voltadas para a dimensão técnica das outras cosmologias.

Palavras-chave: Quilombo. Cosmotécnica. Tecnodiversidade. Afroconfluência. Contracolonialidade.

Abstract

The present work answers how it is possible to think, from the contributions of Yuk Hui and Antônio Bispo dos Santos, Nêgo Bispo, the relations between cosmology and cosmotechnics in quilombola communities. Therefore, the conceptual tour is carried out in three moments. First, the concepts of technodiversity and locality are analyzed in order to expose the importance of rethinking the so-called universal character of the technique. In a second moment, the concepts of confluence and biointeraction are developed, as presented by Nêgo Bispo, with the objective of mapping how the relations

¹⁰ Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Piauí - UFPI; Licenciado em Filosofia (UniBF); Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: icaro.honorio@ufpi.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7415-9870>



between humans, non-humans and environment are understood in quilombola cosmologies. Finally, architecture and quilombola agriculture are discussed, from the conceptual contributions elaborated by Nêgo Bispo, from a cosmotechnical point of view. For the development of the work, conceptual analysis through bibliographical review is used as a research methodology. The study concludes, therefore, in the sense of instigating epistemic disobedience focused on the technical dimension of other cosmologies.

Keywords: Quilombo. Cosmotechnics. Technodiversity. Afroconfluence. Countercoloniality.

Resumo

La nuna verko respondas kiel eblas pensi, surbaze de la kontribuoj de Yuk Hui kaj Antônio Bispo dos Santos, Nêgo Bispo, pri la rilatoj inter kosmologio kaj kosmotekniko en quilombola komunumoj. Tiucele, la koncipa turneo efektiviĝas en tri momentoj. Unue, la konceptoj de teknodiverseco kaj loko estas analizitaj kun la celo elmontri la gravecon repipensi la tiel nomatan universalan karakteron de teknologio. Due, la konceptoj de kunfluo kaj biointeragado estas evoluigitaj, kiel prezentita fare de Nêgo Bispo, kun la celo de mapado kiel la rilatoj inter homoj, ne-homoj kaj la medio estas komprenitaj en quilombola kosmologioj. Fine, surbaze de la konceptaj kontribuoj preparitaj de Nêgo Bispo, kvilombola arkitekturo kaj agrikulturo estas diskutitaj de kosmoteknika vidpunkto. Por evoluigi la laboron, koncipa analizo per bibliografia recenzo estas utiligita kiel esplormetodaro. La studo estas finita, tiamaniere, en la senco de instigado de epistema malobeo celanta la teknikan dimension de aliaj kosmologioj.

Ŝlosilvortoj: Quilombo. Kosmotekniko. Teknodiverseco. Afrokonfluejo. Kontraŭkoloniceco.

INTRODUÇÃO

A constatação do antropoceno, marco da crise climática contemporânea, e os impactos dos projetos desenvolvimentistas em povos tradicionais motivam reflexões e movimentos políticos voltados para a defesa do meio ambiente. Nesse contexto, a partir dos anos 1990, antropólogos tais como Philippe Descola (2015) e Eduardo Viveiros de Castro (CASTRO; HUI, 2021) propuseram uma “virada ontológica”, assim chamada por Yuk Hui (2020, p. 25).

Os impactos dessa virada em direção a outras cosmologias proporcionaram novas leituras a respeito de modos de vida centrados em ontologias distintas daquela fundada no monoteísmo eurocristão (SANTOS, 2019). A questão climática, a partir dessa leitura, é respondida no sentido de apresentar alternativas ao desenvolvimento antes de desenvolvimentos alternativos (SOUSA, 2020).



Yuk Hui (2016, 2020), entretanto, afirma que é necessário ir além. O pensamento decolonial, para dar conta das questões ambientais atuais, deve se voltar às “cosmotécnicas diversas e seus efeitos cosmopolíticos” (HUI, 2020, p. 39). Nesse sentido, conceber a técnica fora do paradigma ontológico da armação, “*Gestell*” (HEIDEGGER, 2007, p. 385), passa por localizar, ou territorializar (SANTOS, 2019), as relações entre cosmologia, técnica e política que inauguram cosmotécnicas plurais.

Nesse contexto, as comunidades quilombolas da Caatinga piauiense desenvolvem um complexo sistema técnico que atua como unificador entre a moral comunitária e as cosmologias politeístas (SANTOS, 2023). As cosmotécnicas quilombolas, desse modo, se estabelecem a partir da reunião de saberes ancestrais que regulam a relação entre humanos, não-humanos e o ambiente. Assim, pesca, caça, agricultura, arquitetura e medicina (FIGUEIREDO; BARROS, 2016), são práticas cosmotécnicas preenchidas de significados cosmológicos e cosmopolíticos que evocam a contracolonialidade e a confluência dos seres (BISPO, 2019).

A partir dos entendimentos a respeito da localidade e da tecnodiversidade das cosmotécnicas (HUI, 2016; 2020) e do significado cosmológico das atividades técnicas quilombolas (SANTOS, 2019; 2023), o presente trabalho tem como questão norteadora: como é possível pensar as relações entre cosmologia e técnica nas cosmotécnicas quilombolas, desde a arquitetura e a agricultura?

Para responder ao problema proposto, em um primeiro momento, o trabalho realiza uma análise conceitual das noções de localidade e tecnodiversidade, tidas como condições para entender as cosmotécnicas diversas. Nesse estágio, a pesquisa se utiliza das obras de Yuk Hui, notadamente “*The question concerning technology in China: an essay in Cosmotechinics*” (HUI, 2016) e “Tecnodiversidade” (Hui, 2020), bem como do diálogo “*For a strategic primitivism: a dialogue between Eduardo Viveiros de Castro e Yuk Hui*” (CASTRO; HUI, 2021) e de sua entrevista concedida ao Professor Doutor Jelson Roberto de Oliveira (PUC-PR) (OLIVEIRA, 2021).

Posteriormente, o trabalho detalha o pensamento ancestral quilombola a partir dos ensinamentos de Nêgo Bispo (SANTOS, 2019, 2023), especialmente a partir das



palavras cosmológicas¹¹ **confluência** e **biointeração**. Nesse momento, dado o privilégio da oralidade sobre a escrita nas tradições quilombolas, a pesquisa se utiliza do auxílio da literatura antropológica e sociológica sobre a cosmologia dos quilombos, tais como: Brito, Borges e Monteiro (2023), Costa e Silva (2023), Figueiredo e Barros (2016), Santos e Sousa (2019), Sousa (2009, 2020), entre outros.

Por fim, o presente trabalho apresenta as características gerais da arquitetura e da agricultura quilombolas e de que maneira elas unificam cosmos e moral em uma cosmotécnica particular. Para tanto, a pesquisa se volta para os apontamentos de Nêgo Bispo nos capítulos “Arquitetura e contracolonialismo” e “Criar solto, plantar cercado”, de sua obra recém-publicada “A terra dá, a terra quer” (SANTOS, 2023), bem como para seu trabalho “Colonização, quilombos: modos e significações” (SANTOS, 2019).

Com o fito de alcançar os objetivos elencados nesse estudo, a metodologia adotada foi a análise conceitual (GIL, 2017) por meio de revisão bibliográfica de obras filosóficas e artigos científicos disponibilizados pelas plataformas online Google Acadêmico, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), e Periódicos CAPES.

A escolha pela temática do presente trabalho é justificada em pelo menos três esferas: pessoal, social e acadêmica. Primeiramente, o interesse pelo tema dá-se pela proximidade entre o questionamento apresentado e o que se tem trabalhado na disciplina de Tópicos de Filosofia da Técnica no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí (PPPGFIL – UFPI). Na esfera social, a questão climática, bem como os avanços de projetos desenvolvimentistas, do agronegócio e do garimpo ilegal e legalizado, justifica a urgência de pensarmos os quilombos e seus modos de vida no sentido de sua preservação frente aos avanços da modernidade colonizadora. No campo acadêmico, o trabalho se justifica dada a necessidade de resistências à dinâmica colonial que impera nos cursos de Filosofia no Brasil e que dificulta o estudo de ontologias que não estejam no cânone da tradição europeia e estadunidense.

Assim, opera-se por meio do presente artigo um exercício de desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008), uma vez que, repensar o papel da técnica desde o prisma da localidade dos quilombolas é abandonar o horizonte colonial das categorias uniformizantes. Dessa maneira, para superar a cosmofobia do pensamento moderno

¹¹ “[...] pois as palavras cosmológicas não são conceitos, são palavras germinantes, são sementes” (BRITO; BORGES; MONTEIRO, 2023, p. 66).



(SANTOS, 2023), o excuro do trabalho se centra em cosmotécnicas ancestrais que resistem até os dias de hoje em seus territórios.

LOCALIDADE E TECNODIVERSIDADE: CONDIÇÕES COSMOTÉCNICAS

Desde Heidegger (2007 [1953]) as reflexões a respeito da filosofia da técnica tomaram caminhos profundamente distintos. Yuk Hui, um dos filósofos mais importantes no contexto pós-heideggeriano da filosofia da técnica e da tecnologia, apresenta horizontes cada vez mais diversos e localizados (Hui, 2016). O objetivo do presente tópico, assim, é apresentar de que maneira Hui trabalha os conceitos de localidade e tecnodiversidade nas obras “*The question concerning technology in China*” (2016) e “Tecnodiversidade” (2020). Este último, entretanto, se trata de uma coleção de escritos anteriores de Hui organizados especificamente para o lançamento no Brasil. Diante disso, a presente pesquisa foca-se especificamente na seção intitulada “Máquina e Ecologia” (Hui, 2020), parte no qual o autor se dedica mais aos conceitos escolhidos para a análise.

Em “*The question concerning technology in China*” (2016), Yuk Hui responde à seguinte questão: admitindo-se que existem naturezas múltiplas, é possível pensar em técnicas múltiplas, que são diferentes entre si não apenas funcionalmente e esteticamente, mas também ontologicamente e cosmologicamente?

Nesse sentido, o filósofo busca, a partir do confucionismo, neoconfucionismo e taoísmo, repensar a relação entre cosmologia, ontologia e técnica na China (HUI, 2016). Para tanto, torna-se necessário realizar uma crítica à pretensão de universalidade apresentada nos estudos de Heidegger a respeito da técnica, bem como ao caráter totalizante da modernidade.

Para Hui, a localidade não é entendida como um refluxo conservador em um contexto de recrudescimento do nacionalismo (OLIVEIRA, 2021). Como aponta o filósofo:

A localidade não é a alternativa tranquilizadora à globalização, mas seu “produto universal”. Se quisermos voltar a falar de localidade, então devemos reconhecer que ela não é mais uma localidade isolada, [...], *mas deve ser uma localidade que se apropria do global em vez*



de ser simplesmente produzida e reproduzida pelo global. (2016, p. 307, tradução e grifo nossos).¹²

Essa noção de localidade se aproxima muito do que Nêgo Bispo (SANTOS, 2019) chama de prática contracolonial centrada nos territórios, tal aproximação será discutida no tópico posterior.

A preocupação de Hui em fazer essa distinção entre nacionalismo e localidade é profundamente importante, pois estabelece o local de modo relacional, isto é, dinâmico, não identitário. Não se trata, desse modo, de uma oposição simples em relação à modernidade global. Hui reafirma o risco de uma leitura não-relacional de localidade em:

A localidade capaz de resistir ao eixo global do tempo é capaz de *enfrentá-lo*, transformando-o de forma radical e autoconsciente – em vez de simplesmente agregar valor estético a ele. O local não pode se opor ao global, sob pena de correr o risco de descumprir algum tipo de ‘revolução conservadora’, ou mesmo facilitando o fascismo metafísico. (HUI, 2016, p. 307, tradução e grifo nossos).¹³

Assim, a postura de enfrentamento proposta por Yuk Hui ao desenvolver seu conceito de localidade, busca subverter a técnica moderna no sentido de buscar formas de resistências criativas.

Ainda que no primeiro texto não haja menção explícita ao conceito de tecnodiversidade, em “Máquina e Ecologia”, seção da coletânea “Tecnodiversidade” (HUI, 2020), Hui o apresenta e retoma o tema da localidade, agora como condição da filosofia após a cibernética e como pressuposto para compreensão da tecnodiversidade.

Inicialmente, Hui descreve o estatuto da cibernética como unificação do dualismo mecanicismo/organicismo com a finalidade de pensar uma possível ecologia de máquinas (HUI, 2020, p. 137). A inscrição da cibernética no paradigma moderno, assim, depende de sua relação de enfraquecimento ou fortalecimento das noções universais de *episteme* e progresso.

¹² Trecho original: “Locality is not the reassuring alternative to globalization, but its ‘universal product’.¹⁸² If we want to talk about locality again, then we must recognize that it is no longer an isolated locality [...] but must be a locality that appropriates the global instead of being simply produced and reproduced by the global.”

¹³ Trecho original: “The locality that is able to resist the global axis of time is one capable of confronting it by radically and self-consciously transforming it— rather than merely adding aesthetic value to it. The local cannot stand as an opposition to the global, otherwise it will risk defaulting to some kind of ‘conservative revolution’, or even facilitating metaphysical fascism.”



Nesse contexto, o filósofo afirma que as posições que ratificam o caráter mecânico da tecnologia adotam uma postura humanista, enquanto as que defendem a evolução sempre constante dos aspectos orgânicos adotam uma postura transumanista. Ao retomar a leitura de Heidegger a respeito dessa questão, Hui argumenta que:

A resposta de Heidegger não é nem humanista nem transumanista, mas, segundo nossa interpretação, *local*. Para Heidegger, o ser é uma noção específica a uma *localidade*, a chamada “terra do ocaso” (*Abendland*); ao menos de um ponto de vista linguístico, o conceito de ser não tem correspondente na língua e no pensamento chineses” (HUI, 2020, p. 118, grifos nossos).

O atual momento da cibernética se mostra como uma abertura à localidade da técnica. O caráter de abertura da localidade, assim, pode suscitar tanto discursos reacionários e nacionalistas quanto formas criativas de subversão. Foi marca do século XX, como aponta o Yuk Hui (2020), a dificuldade europeia em articular localidade e tecnologia. É como aponta Eduardo Viveiros de Castro em seu diálogo com Yuk Hui, o “privilégio do tempo em detrimento do espaço” é a marca central da ontologia da modernidade (CASTRO; HUI, 2021, p. 392). O resultado direto dessa relação conturbada é verificado na crise climática do antropoceno, assim como na contaminação de rios e do solo em que estão envolvidos grandes projetos desenvolvimentistas, garimpo e extrativismo madeireiro, legais ou não (ACOSTA, 2016) e (SOUSA, 2009).

Nesse sentido, pensar a localidade é clarificar e estabelecer uma relação íntima e cúmplice na Terra vista sob a perspectiva do “território e da tecnologia globalizante” (HUI, 2020, p. 120). Enfim, devido a intimidade entre território e localidade relacionada à técnica, pode-se dizer que a cosmogeograficidade constitui uma dimensão importante da localidade (HUI, 2020).

A noção de localidade, pois, dialoga com o objetivo geral da pesquisa, qual seja: pensar as cosmotécnicas quilombolas partindo da arquitetura e da agricultura. A compreensão dos significados das técnicas de construção e cultivo quilombolas deve se iniciar em uma concepção de localidade que leve em conta as relações particulares entre humanos, não-humanos e ambiente nessas comunidades.

Quanto à tecnodiversidade, por fim, Yuk Hui traça um paralelo com a noção de biodiversidade. Apenas uma racionalidade homogênea, assim como um pesticida (HUI,



2020), tem o poder de inibir a diversidade de técnicas. A localidade, desse modo, é uma condição necessária, mas não suficiente, para a tecnodiversidade. Nesse sentido, é o que aposta o filósofo em:

ela [a localidade] não é usada aqui no sentido de políticas identitárias, nem como um recuo ao tradicionalismo expresso de uma forma ou de outra, mas para fazer com que múltiplas localidades *inventem seus próprios pensamentos e futuros tecnológicos* – uma imunologia, ou, melhor dizendo, imunologias que ainda precisam ser escritas. (HUI, 2020, p. 124, grifos nossos).

Assim, com o objetivo de contribuir para pensar cosmotécnicas diversas a partir de suas localidades, o presente trabalho desenvolverá no tópico seguinte as “palavras germinantes” (BRITO; BORGES; MONTEIRO, 2023, p. 68) das cosmologias quilombolas que serão mobilizadas para uma leitura cosmotécnica dos seus modos de construção e cultivo.

CONFLUÊNCIA E BIOINTERAÇÃO NAS COSMOLOGIAS QUILOMBOLAS

As cosmologias quilombolas, assim como as indígenas em território brasileiro, possuem como traço característico a transmissão oral dos saberes e técnicas ancestrais (FIGUEIREDO; BARROS, 2016). Por isso, os relatos, vivências e percepções são as principais formas pelas quais se pode acessar os conhecimentos tradicionais passados de geração em geração.

A “tradução” de saberes ancestrais para a escrita é o que o mestre Antônio Bispo dos Santos, ou Nêgo Bispo, realiza em seus relatos, poemas e estudos (SANTOS, 2023). Durante o processo de “tradução”, entretanto, o contato com a língua do colonizador não se dá de modo passivo. Antes, o que Nego Bispo realiza é uma prática denominativa contracolonial, isto é, a utilização de palavras cosmológicas com significados condizentes com a cosmopercepção dos quilombolas.

Fundada nessa interação criativa com a instituição colonial da língua, Nêgo Bispo elabora em *Colonização, quilombos: modos e significações* (SANTOS, 2019) as noções de confluência e biointeração. O objetivo do presente tópico, assim, é apresentar tais conceitos a partir dos capítulos 3, *Biointeração*, e 4, *Confluências x Transfluências*, da obra supracitada. Para tanto, será realizada uma análise conceitual com o auxílio de



estudos antropológicos e sociológicos a respeito das cosmologias quilombolas Sousa (2009;2020); Moura (2019); Costa Júnior e Silva (2023); Brito, Borges e Monteiro (2023); Santos e Sousa (2019) e Trindade e Pinho (2022). Quanto a classificação e explicitação das cosmologias quilombolas partiu-se do quadro de referência proposto por Philippe Descola (2015).

Os quilombos, desde sua origem com a organização das pessoas escravizadas contra a violência colonial até sua transformação em ferramentas de luta ideológica e cultural, possuem significados diferentes. Como principal forma de organização da classe dos escravizados (MOURA, 2019), os quilombos eram, ao mesmo tempo,

a) o território ou campo de guerra denominado *jaga*; b) a instituição em si, ou seja, correspondia a todo o grupo de indivíduos que incorporados à sociedade *Imbangala* por meio da iniciação; c) ao local ou casa sagrada onde ocorriam os rituais de iniciação dos recrutados. (TRINDADE; PINHO, 2022, p. 5).

No entanto, com o passar dos anos, como aponta Beatriz Nascimento (2006) e Abdias do Nascimento (2002), o conceito de quilombo passou a ser sinônimo de “resistência antirracista em diversas áreas, da arte à política, passando pela ciência e pela teoria do conhecimento” (Trindade; Pinho 2022, p. 17). Nesse sentido, o quilombismo se mostra como símbolo de uma nova passagem de consciência do ser negro na sociedade racista, como apresentam Josiney Trindade e Silvia Pinho (2022, p. 12):

[...] assim como houve com o surgimento do quilombo enquanto instituição uma “passagem de consciência” [...] de negro fugitivo para quilombola, entende-se aqui que nesse novo contexto, no qual o quilombo é redefinido pelo Movimento Negro como um conceito e como um símbolo, há então uma nova “passagem de consciência”, a de quilombola para quilombista.

Diante disso, a “tradução” para a escrita das palavras germinantes das cosmologias quilombolas representa mais um passo na direção da construção de um quilombismo epistêmico (TRINDADE; PINHO, 2022).

Quanto à relação entre humanos e não-humanos, as cosmologias quilombolas, assim como as originárias, são animistas, ou seja, segundo Philippe Descola (2015, p. 23):



todas as classes de seres dotados de interioridade similar àquela dos humanos reconhecidamente vivem em coletivos que possuem o mesmo tipo de estrutura e propriedades: todos possuem chefes, xamãs, rituais, moradias, técnicas, artefatos, todos se organizam e discutem, providenciam sua subsistência e se casam de acordo com normas.

A noção de natureza constituída pela ontologia animista, assim, não reconhece como diferente as interioridades compartilhadas entre humanos e não-humanos, o que a caracteriza como antropogênica (DESCOLA, 2015, p. 16). Por outro lado, o naturalismo, ontologia dominante da modernidade, não enxerga no não-humano senão pura fisicalidade, isto é, uma noção de natureza sem interioridade e profundamente antropocêntrica (DESCOLA, 2015, p. 25).

A líder quilombola Cássia Cristina da Silva, cujo nome bantu é Makota Kidoiale, resume o teor animista das cosmologias quilombolas e seus impactos comunitários da seguinte forma:

[...] cada pessoa é vista como uma força ativa, **igualmente a cada um e qualquer elemento da natureza ou espécie animal**. Considerando as pessoas como orças ativas, energias em circulação, cada relação compõe um microcosmo de uma profusão de forças que se influenciam mutuamente. Alicerçado neste princípio, o bem-estar e a elevação da energia vital de uma pessoa podem influenciar muitas outras, simultaneamente se converte em **benefícios para uma comunidade**, contribuindo para elevação das forças individuais e coletivas. (COSTA JÚNIOR; SILVA, 2023, p. 28, grifos nossos).

Em vista disso, Nêgo Bispo apresenta a palavra cosmológica biointeração. Partindo da vivência nas farinhadas¹⁴ em sua comunidade de origem, hoje localizada no município de Francinópolis, Piauí, o mestre descreve como a relação não antagônica entre natureza e cultura ocorre (SANTOS; SOUSA, 2019).

Assim, conforme aponta Nêgo Bispo

a melhor maneira de guardar o peixe é nas águas. E a melhor maneira de guardar os produtos de todas as nossas expressões produtivas é **distribuindo entre a vizinhança**, ou seja, **como tudo que fazemos é produto da energia orgânica esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia**. (SANTOS, 2019, p. 66, grifos nossos).

¹⁴ A farinhada destaca-se como processo de fabricação de farinha, além de uma infinidade de subprodutos, a partir da mandioca (*Manihot esculenta*) e os complexos saberes a ela associados (Botelho, 2022, p. 252).



As cosmologias quilombolas, ao não partirem de uma ruptura entre a interioridade humana e a dos não-humanos (Descola, 2015), parecem ter como corolário à biointeração um princípio comunitário fundamentado na horizontalidade das relações entre as pessoas humanas. A palavra cosmológica, entretanto, se refere a um “complexo relacional mais amplo que engloba os produtos da energia orgânica da terra” (Santos, 2019, p. 66). A festa, nesse sentido, é uma expressão da biointeração em um sentido mais amplo (BRITO; BORGES; MONTEIRO, 2023).

Logo em seguida, no capítulo *Confluências x Transfluências*, Nêgo Bispo articula o significado dessas palavras cosmológicas com a finalidade de salientar as diferenças entre as acepções coloniais e contracoloniais acerca do tempo e do movimento. Nas palavras do mestre Bispo:

confluência é a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo *que se ajunta se mistura*, ou seja, nada é *igual*. Por assim ser, *a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento pluralista dos povos politeístas.*” (SANTOS, 2019, p. 68).

O politeísmo dos quilombolas e originários, assim, funda-se em uma noção de tempo cíclica que pode ser apresentada da seguinte maneira: “demanda ↔ meio ↔ demanda; princípio ↔ meio ↔ princípio; orgânico ↔ sintético ↔ orgânico” (SANTOS, 2019, p. 77). Essa perspectiva circular da temporalidade, centrada na relação com o ambiente, é radicalmente distinta da visão monoteísta cristã de tempo escatológico e apocalíptico (AGOSTINHO, 1995). A linearidade, criticada por Nêgo Bispo, desconhece a implicação entre tempo e território, uma vez que volta para o transcendente.

As noções de biointeração e confluência, desse modo, servem de crítica ao discurso do desenvolvimento e à ideologia do progresso que servem de condições para o avanço colonial contra as comunidades tradicionais. Como apresenta o autor:

ressaltamos a importância de biointeragirmos com todos os elementos do universo de forma integrada, a ponto de superarmos os processos expropriatórios do desenvolvimentismo colonizador e o caráter falacioso dos processos de sintetização e reciclagem do



desenvolvimentismo (in)sustentável, pelo processo de reedição dos recursos naturais pela lógica da biointeração. (SANTOS, 2019, p. 77).

Conclui-se o presente tópico chamando atenção para a proximidade entre os conceitos de localidade, como foi apresentado no tópico 2, e as práticas contracoloniais centradas na territorialidade, como a confluência e biointeração, propostas por Nêgo Bispo (SANTOS, 2019). Pode-se dizer, enfim, que confluência e biointeração são chaves heurísticas fundamentais para a compreensão das cosmologias quilombolas. Contudo, os impactos de tais noções nas atividades técnicas, em especial o cultivo e a construção, serão o objeto de estudo do próximo tópico com a finalidade de engajar reflexões sobre a cosmotécnica quilombola contracolonial.

COSMOTÉCNICAS CONTRACOLONIAIS: ARQUITETURA E AGRICULTURA QUILOMBOLA

A aproximação entre moral e técnica que constituiu as cosmotécnicas (HUI, 2016; 2020) é entendida como eixo central para o desenvolvimento do presente tópico. Tanto Yuk Hui quanto Nêgo Bispo convergem para a compreensão das relações entre cosmologias e atividades técnicas desde um ponto de vista local e territorialmente determinado.

Nos casos das técnicas quilombolas de construção e cultivo, como descritas por Nêgo Bispo em sua mais recente obra “A terra dá, a terra quer” (SANTOS, 2023), o papel da Caatinga é fundamental. Nêgo Bispo descreve o bioma como “o mais resistente que temos porque é cheio de pedregulhos, tem uma geografia física irregular e uma vegetação não muito alta” (SANTOS, 2023, p. 66). Territorialidade e localidade, nessa situação, se determinam mutuamente.

Com o objetivo de apresentar um esboço para o entendimento das cosmotécnicas quilombolas, o presente tópico é desenvolvido em dois momentos: primeiramente são abordadas as técnicas de construção entre os quilombolas catingueiros, apresentadas no capítulo “Arquitetura e contracolonialismo”; e, posteriormente, são descritas suas técnicas de cultivo, comentadas no capítulo “Criar solto, plantar cercado”. A natureza cosmotécnica dessas atividades é explicada desde o pensamento de Yuk Hui (2016;



2020), como foi comentado nos tópicos anteriores, especialmente pelas noções de localidade e tecnodiversidade.

As arquiteturas quilombolas estão diretamente relacionadas com suas cosmologias. A ontologia animista dos quilombolas (DESCOLA, 2015), o politeísmo dos afroconfluentes, resiste às tendências homogeneizantes do naturalismo moderno e isso se torna perceptível nas técnicas de construção das comunidades. Nesse sentido, Nêgo Bispo descreve o contracolonialismo como “modo de vida que ninguém tinha nomeado. Podemos falar do modo de vida indígena, modo de vida quilombola, modo de vida banto, modo de vida iorubá.” (SANTOS, 2023, p. 38).

É a partir do contracolonialismo como modo de vida, portanto, que Nêgo Bispo apresenta suas contribuições sobre as técnicas de construção quilombolas. Como aponta o mestre:

cada moradia deveria ser arquitetada *com material local*, essa é uma primeira grande questão. *Todo bioma, todo ambiente, todo lugar nos oferta as condições para viver ali*. Se estou nos cocais, posso usar palha das palmeiras para fazer o teto das casas e para forrar as paredes. Se não quiser usar as palhas, posso usar as varas, posso forrar o interior com esteiras, posso também fazer paredes de taipa. *Posso fazer minha casa na Caatinga usando apenas o material da Caatinga; posso fazer minha casa no Cerrado usando o material de Cerrado*. (SANTOS, 2023, p. 40, grifos nossos).

Pode-se visualizar, nessa passagem, a aproximação entre as técnicas de construção e as palavras cosmológicas biointeração e confluência. As cosmologias quilombolas, assim, afetam profundamente as arquiteturas, uma vez que, as construções passam a ser pensadas em relação ao complexo de contatos entre humanos, não-humanos e ambiente (BRITO; BORGES; MONTEIRO, 2023) e (MAYER, 2020).

A utilização de recursos do ambiente, como a carnaúba e a argila assada no forno com a lenha seca da Caatinga (SANTOS, 2023), faz parte de um conjunto de práticas contracoloniais que resiste à tendência uniformizante e colonial de projetos como o Minha Casa, Minha Vida. Nessa articulação com as empreitadas de desenvolvimento modernizante, Nêgo Bispo afirma que

Para nós [os quilombolas], a moradia é o lugar onde vamos passar a maior parte das nossas vidas. *A casa tem que ser uma parte dos nossos corpos, temos que suar naquele material, temos que sentir nosso cheiro em nossa casa*. A arquitetura colonialista, uma



arquitetura *sintética*, não nos permite isso. (SANTOS, 2023, p. 41, grifos nossos).

O uso da palavra “sintética” para designar a arquitetura colonialista, sugere que a arquitetura contra colonial é orgânica, isto é, vinculada com os fluxos de confluência, como tratado no tópico 3 do presente trabalho. Quanto às prioridades das construções quilombolas, Nêgo Bispo dá destaque para as cozinhas:

A cozinha é o melhor lugar na arquitetura quilombola, o mais necessário e bem cuidado. Se alguém chegar à minha casa e ficar na sala, ninguém vai receber essa pessoa na sala. Não existe isso para nós, todo mundo vai para a cozinha! ***A arquitetura é pensada também em função da comida. A comida organiza a festa, organiza a recepção, tudo se organiza em torno da comida. Quando fazemos arquitetura, pensamos na comida e na festa, nas formas compartilhadas de vida.*** (SANTOS, 2023, p. 42, grifos nossos).

O significado da festa como oposição à dicotomia moderna entre trabalho e lazer (BRITO; BORGES; MONTEIRO, 2023), serve às arquiteturas quilombolas no sentido de determinar suas técnicas de construção. O privilégio para ambientes de convívio, como cozinhas e quintais, ao invés de quartos e ambientes fechados é impacto técnico de cosmologias fundadas em uma ontologia comunitária, que germina na biointeração.

A confluência dos territórios também afeta a arquitetura. O contato com o cosmos e o ambiente é determinante para a escolha do local da construção, como aponta Nêgo Bispo: “a casa é feita pela localização do terreno, pela localização das portas e janelas e pela localização da lua. A casa é tudo isso. ***Você demarca a sua casa na terra, mas demarca a sua casa também nos astros, para se posicionar dentro de uma relação cosmológica.***” (SANTOS, 2023, p. 45, grifos nossos).

Quanto às práticas de cultivo, a aproximação entre cosmologia e técnica também se mostra evidente. Em *Criar solto, plantar cercado* (SANTOS, 2023), descreve as características gerais das técnicas de cultivo ancestrais entre os quilombolas e de que modo elas se relacionam com o politeísmo dos afroconfluentes. O uso das palavras, dentro da perspectiva contracolonial, é fundamental aqui: “ninguém tinha terras, tínhamos cultivos” (SANTOS, 2023, p. 61).

O cultivo, dentro da tradição quilombola, é realizado de modo triangular, não linear, uma vez que “de forma linear não seria possível plantar onde houvesse tocos de



árvores.” (SANTOS, 2023, p. 61). O plantio feito desse modo, além de não desgastar o solo a longo prazo, garante a manutenção da biodiversidade local, pois não realiza queimadas regulares ou controle bioquímico de pragas.

A biointeração relacional, nesse contexto, se constitui em uma cosmotécnica semelhante às desenvolvidas na caça e na pesca (FIGUEIREDO; BARROS, 2016). A percepção “orgânica” das linhas ecológicas de fluxo de energia, noção cosmológica comum aos indígenas (GUDYNAS, 2019), resulta em outras formas de pensar o cultivo triangular. É o caso da proteção contra a erosão do solo por lixiviação (SANTOS, 2023), problema comum em plantações lineares.

Conclui-se que a prática contracolonial é a dimensão cosmopolítica das cosmotécnicas quilombola. A resistência criativa ao avanço de discursos coloniais desenvolvimentistas e do agronegócio, acompanhado ou não de adjetivos como “sustentável” ou “ecológico”, é o motor principal da luta contra os processos de monotecnologização da vida (GOMES, 2022).

Nessa questão, Maria Sueli de Sousa (2020) descreve o “mito do desenvolvimento” como ferramenta discursiva do colonialismo na destruição de cosmologias e técnicas tradicionais. Enfim, como sugeriu Eduardo Viveiros de Castro a Yuk Hui (CASTRO; HUI, 2021), talvez a saída mais radical para o contexto contemporâneo de crise humanitária, territorial e climática seja a superação da ontologia naturalista que guia o assim chamado “processo civilizatório”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao serem analisados os textos selecionados, concluiu-se que as cosmotécnicas quilombolas, entendidas pela interlocução entre Yuk Hui (2016, 2020) e Nêgo Bispo (SANTOS, 2019, 2023), surgem de uma relação de confluência entre humanos, não-humanos e ambiente e se mostram de maneira radicalmente diversa do “desabrigar desafiante” da técnica moderna (HEIDEGGER, 2007, p. 382). Assim, o avanço da crise climática, dos projetos de desenvolvimento e dos ataques contra as comunidades tradicionais encontra na crítica contracolonial uma forma de resistência “cosmotecnopolítica dos modos de vida quilombolas e originários” (GOMES, 2022, p. 176).



Depreendeu-se, em um primeiro momento, que a localidade, como “uma estratégia geral para a reapropriação de tecnologias, em primeiro lugar, por meio da afirmação da multiplicidade irreduzível das tecnicidades” (HUI, 2020, p. 89), não pode ser entendida como retorno nostálgico à tradição. Nesse sentido, compreendeu-se a noção de localidade como condição necessária para a fragmentação concretizada pela perspectiva da tecnodiversidade (HUI, 2020).

Em um nível posterior, chegou-se à conclusão de que as cosmologias dos afroconfluentes (SANTOS, 2019) são vivenciadas como formas relacionais que fogem ao naturalismo moderno (DESCOLA, 2015). Não há, para as cosmologias quilombolas, uma percepção antagônica entre cultura e natureza (SANTOS; SOUSA, 2019), de maneira tal que a biointeração, intermediação relacional entre humano e não-humano, se realiza nas confluências entre os seres (SANTOS, 2019). Os quilombos, nesse sentido, manifestam através do politeísmo afroconfluyente uma percepção comunitária de mundo que se organiza como resistência territorial à colonialidade do ser e do poder (TRINDADE; PINHO, 2022).

Por fim, ao realizar o estudo dos modos quilombolas de construir e cultivar, depreendeu-se o conjunto de técnicas desenvolvidos em sua relação com a moral comunitária da cosmologia politeísta (SANTOS, 2023). Configurou-se, desse modo, a união entre cosmos e moral em uma atividade técnica localizada (HUI, 2020), o que institui um conjunto de cosmotécnicas quilombolas.

Desse modo, em resposta à provocação de Yuk Hui quanto a possibilidade de pensarmos cosmotécnicas brasileiras (OLIVEIRA, 2021), o presente trabalho conclui reconhecendo a dimensão cosmotécnica das cosmologias politeístas quilombolas. Em consonância com o primitivismo estratégico de Eduardo Viveiros de Castro, não se trata de um “retorno à natureza”, mas da abertura a modos de ser que possibilitam uma crítica a colonialidade das práticas e dos conceitos monotecnológicos universalistas.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver: uma oportunidade para pensar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

BRITO, C. M. D. DE; BORGES, R. DE M.; MONTEIRO, C. F. A festa como modo de existir e resistir ao lazer colonizado. **Revista do Departamento de Ciências Sociais da**



Unimontes, v. 20, n. 1, p. 51–81, 2023. DOI: <https://doi.org/10.46551/issn.2527-2551v20n1p.57-81>.

BOTELHO, A. C. A farinha da manutenção da condição camponesa diante dos eucaliptais no baixo Parnaíba (Maranhão, Brasil). **Caminhos de Geografia**, v. 23, n. 87, p. 252–265, 2022. DOI: <http://doi.org/10.14393/RCG238759327>.

COSTA JUNIOR, J.; SILVA, C. Cosmologia e quilombos: território ancestral e a retomada originária. **SAPIENS - Revista de divulgação Científica**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 24–54, 2023. DOI: 10.36704/sapiens.v4i2.6980.

FIGUEIREDO, R. A. A. DE; BARROS, F. B. Sabedorias, cosmologias e estratégias de caçadores numa unidade de conservação da Amazônia. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 36, p. 223–237, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v36i0.43351>.

CASTRO, E. V. DE; HUI, Y. For a strategic primitivism: a dialogue between Eduardo Viveiros de Castro and Yuk Hui. **Philosophy Today**, v. 65, n. 2, p. 391–400, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5840/philtoday2021412394>.

DESCOLA, P. Além de natureza e cultura. **Tessituras**, v. 3, n. 1, p. 7–33, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15210/tes.v3i1.5620>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. Barueri: Atlas, 2017.

GOMES, E. P. M. Decolonialidade epistemológica em tempos de monotecnologização da vida: uma tarefa ao pensar. **Revista Linguagem em Foco**, v. 14, n. 2, p. 163–180, 2022. DOI: <https://doi.org/10.46230/2674-8266-14-9441>.

GUDYNAS, E. **Direitos da Natureza: Ética biocêntrica e políticas ambientais**. 1ª ed. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **Revista Scientiae Studia**, v. 5, n. 3, p. 375–398, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>.

HUI, Y. **The question concerning technology in China: an essay in Cosmotronics**. 1ª ed. Falmouth: Urbanomic media, 2016.

HUI, Y. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287–324, 2008.

MAYER, J. G. M. **De pé na encruzilhada: por uma cartografia contracolonalista**. Tese (doutorado)– Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, 2020.

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

MOURA, C. **Sociologia do Negro Brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Palmares: OR Editor Produtor, 2002.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, A. (org.). **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006, p.117-125

OLIVEIRA, J. R. DE. Entrevista com Yuk Hui. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 33, n. 60, p. 1053–1061, 2021. DOI: <https://doi.org/10.7213/1980-5934.33.060.ET01>.

AGOSTINHO, S. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.

SANTOS, J. J. F. DOS; SOUSA, M. S. R. DE. Territorialidade quilombola e trabalho: relação não dicotômica cultura e natureza. **Revista Katálisis**, v. 22, n. 1, p. 201–209, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02592019v22n1p201>.

SANTOS, A. B. DOS. **Colonização, quilombos: modos e significações**. 2. ed. Brasília: AYÔ, 2019.

SANTOS, A. B. DOS. **A terra dá, a terra quer**. 1ª ed. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SOUSA, M. S. R. DE. **O povo Zabelê e o Parque Nacional da Serra da Capivara no Estado do Piauí - Tensões, Desafios e Riscos da Gestão Princiipiológica da Complexidade Constitucional**. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília, 2009.

SOUSA, M. S. R. DE. Desenvolvimento e direitos fundamentais no projeto eurocêntrico: o desafio do descentramento cognitivo da colonialidade racializada. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 56, n. 1, p. 58–68, 2020. DOI: <https://doi.org/0.4013/csu.2020.56.1.06>.

TRINDADE, J. DA S.; PINHO, V. A. DE. Dos quilombos aos quilombos de conhecimentos: espaços de resistência do negro. **Periódico Horizontes**, v. 40, n. 1, p. 1–20, 2022. DOI: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v40i1.1311>.